



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
INSTITUTO DE LETRAS E DE MÚSICA
DISCIPLINA: PENSAMENTO POLÍTICO E SOCIAL
DOCENTE: CARLOTA SOUSA GOTTSCHAL SILVA

**DITADURA MILITAR: OS ASPECTOS INTELECTUAIS NA
FORMAÇÃO DO BRASILEIRO**

Daiane Oliveira Mira
Edinan Cerqueira
Érica Bitencourt
Glicério Mira
Tamires Santiago

Salvador/BA
2015

DITADURA MILITAR: OS ASPECTOS INTELECTUAIS NA FORMAÇÃO DO BRASILEIRO

Daiane Oliveira Mira

Edinan Cerqueira

Érica Bitencourt

Glicério Mira

Tamires Santiago

Trabalho de pesquisa do Eixo de Formação Geral apresentado à disciplina de Pensamento Político e Social dos cursos de Letras e Música da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial da 2ª avaliação do IVº semestre. Sob a orientação da professora Carlota 'Sousa Gottschal Silva.

Salvador/BA

2015

SUMÁRIO

1. TEMA.....	4
2. HIPÓTESE:.....	4
3. METODOLOGIA:.....	4
4. INTRODUÇÃO.....	5
5. CLARICE LISPECTOR: BIOGRAFIA	9
5.1 CLARICE LISPECTOR E “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”	10
6. FERREIRA GULLAR.....	13
6.1 BIOGRAFIA	13
6.2 TRAJETÓRIA.....	13
6.3 MOVIMENTO LITERÁRIO	15
6.4 ESTILO	15
7. CANÇÕES, CANTORES E COMPOSITORES QUE MARCARAM O REGIME	15
7.1 CHICO BUARQUE DE HOLANDA: BIOGRAFIA.....	16
7.2 INÍCIO DE CARREIRA.....	17
7.3 CRÍTICA AO REGIME MILITAR DO BRASIL	18
8. INTERPRETANDO ALGUMAS CANÇÕES	19
9. CONCLUSÃO	24
10. REFERÊNCIAS	25

1. TEMA

Ditadura Militar: os aspectos intelectuais na formação do brasileiro.

2. HIPÓTESE:

Como a Música e a Literatura influenciaram no pensamento e na forma de agir do brasileiro durante o Regime Militar?

3. METODOLOGIA:

Este trabalho, realizado para fins acadêmicos, tem como objetivo analisar e buscar, através de revisões bibliográficas, fontes plausíveis quanto à influência da Literatura e da Música no pensamento e comportamento do brasileiro durante a Ditadura Militar, que durou entre os anos de 1964 e 1985. Interpretando canções e entrevistas de seus compositores, pesquisando literatos e alguns escritores da época, recolhendo dados sobre esses, foi que o seguinte trabalho viera se suceder.

4. INTRODUÇÃO

Durante o Regime Militar, período da história do Brasil que se iniciou em 1964 e foi findado em 1985, houve no país uma série de fatores que desencadearam nas formas de agir dos políticos, principalmente aqueles que estavam no poder, especificamente o ARENA (Ação Renovadora Nacional) e, em menor escala o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), e a sociedade.

Este período foi daqueles de grandes perdas para a população brasileira, devido a forte intervenção do Estado e das forças militares no dia a dia do povo. Entre algumas de suas perdas podemos citar: das garantias individuais, da liberdade de expressão e pensamento, dos direitos do cidadão, imposição à censura aos meios de comunicações, extinção de partidos políticos etc.

Desta forma, o ambiente social se via acuado frente às grandes atitudes que impediam o povo de: pensar, agir, estudar, buscar, reivindicar, questionar etc. Todavia, nesta época, de maneira lépida e fagueira, alguns músicos, escritores, jornalistas, e até astros e estrelas da iniciante televisão e do rádio brasileiro, buscaram maneiras de informar a população do que ocorria em nosso país e, conseqüentemente, também instigar o desejo de mudança, postando-se como inconformados com todas as atitudes que eram tomadas na América do Sul, afinal a Ditadura não foi um “privilégio” do Brasil, sim era um mal que assolava o continente.

Exemplo disso foi uma entrevista concedida por Miliandre Garcia, doutorando em História pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), na época em que foi produzida a versão, que estuda e analisa “a censura ao teatro e a música realizados na Ditadura Militar”.

Vejamos abaixo parte da entrevista:

“Muitos dos movimentos contra a **ditadura militar** implantada no Brasil em 1964 saíram dos palcos do **Teatro de Arena** e do

Centro Popular de Cultura da UNE. Era ali que os sonhos dos chamados revolucionários ganhavam forma. No livro **“Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964)”**, **Miliandre Garcia** analisa a origem e a riqueza dos **projetos culturais e dos debates desenvolvidos no interior do CPC**. ‘Decidi estudar o **Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE)** porque desejava compreender as relações entre arte e política na década de 1960’, contou **Miliandre** em entrevista cedida por e-mail com exclusividade à **IHU On-Line**.

Nesta conversa, **Miliandre** fala de algumas das mais importantes produções artísticas daquela época, analisa o processo de desenvolvimento do **CPC**, de leituras que influenciaram os militantes e do rompimento com o pensamento difundido pela **Bossa Nova**. ‘Parto do princípio de que o **CPC** não teve um projeto ou ações culturais delineadas por um conjunto de regras deliberadas pelos seus integrantes. Com isso, o propósito da pesquisa foi contemplar o dissenso que havia em torno do documento fundador do **CPC** e dar voz àqueles personagens que pareciam se distanciar dos propósitos do ‘manifesto’’, afirmou.” (ihu.unicinos.br, 2007).

Naquele momento da história nacional, vários movimentos surgiram principalmente na Música para criticar, de maneira eufêmica dentro das canções e vorazes para boas interpretações. Dentre esses intentos artísticos da época, podemos citar:

- Movimento Tropicália: movimento musical (que atingiu também: teatro, artes plásticas e poesias) que surgiu no final da década de 60, durante apenas cerca de dois ou três anos. Pode-se dizer que seu início foi no Festival de Música Popular da TV Record em 1967. Caracterizado pelo chamando “sincretismo musical”, pois abraçava várias vertentes da Música. Assim, os compositores demonstravam um tom poético e até certo ponto dançante, mas carregado de críticas, ambiguidades, musicalização e estrutura harmônica. Seus principais nomes foram: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Gal Costa, Maria Bethânia, Tom Zé, Os Mutantes, Jorge Bem e Torquato Neto.

“O tropicalismo foi muito importante no sentido em que serviu para modernizar a música brasileira, incorporando e desenvolvendo novos padrões estéticos. Neste sentido, foi um movimento cultural revolucionário, embora muito criticado no período. Influenciou as gerações musicais brasileiras nas décadas seguintes.” (suapesquisa.com, 2011)

- MAU (Movimento Artístico Universitário): manifestação realizada às escondidas na casa do médico psiquiatra Aluízio Porto Carreiro de Miranda e sua esposa Maria Ruth, localizada na Rua Jaceguai nº 27, na Tijuca (RJ). Tudo começou de forma bem amistosa e despretensiosa, pois inicialmente era somente uma roda de amigos reunidos para cantar e compor boas canções. Mas o projeto vingou. Foi passando de boca a boca, a cada encontro mais instrumentos e novos integrantes, e aqueles sendo divididos livremente. Assim, alguns nomes da música brasileira começaram a serem figuras carimbadas nas rodas realizadas, sendo eles: Sílvia Maria, Cartola, Milton Nascimento, Nelson Cavaquinho, Jamelão, Ney Matogrosso, Emílio Santiago, Jackson do Pandeiro, Jerry Adriani etc. Anos depois, o movimento lançou disco ainda com seus principais nomes, entre eles: Ivan Lins e Gonzaguinha.

Engana-se também quem acha que a Literatura brasileira não foi tolhida durante o Período Militar. Na verdade, alguns dos escritores nacionais já vinham sido banidos desde o “Estado Novo – 1937/1945” (período no qual o então presidente Getúlio Vargas implementou uma ditadura civil de oito anos em nosso país).

A Literatura, como forma humana e pessoal na trajetória de um país deve sobreviver muitas vezes para se manter inerte as fortes investidas da História, que deixa marcas terríveis na alma, relatos e livros do país. Com a mudança do meio principal que antigamente era o rádio para a televisão, entre as décadas de 60 e 70, os músicos de maior prestígio ganharam vez nas telinhas para justamente expor seus pensamentos. Nos poemas ou poesias, por exemplo, a dificuldade já era maior, afinal tudo dependia do trabalho das editoras para as publicações. Estas, vigiadas de perto pelo regime censório, ficavam de mãos atadas quanto a alguns de seus lançamentos.

Assim, seguem abaixo algumas explicações próprias para a compreensão do momento e exemplos de livros publicados na época, do site dw.com:

“Na literatura, foi a contrapelo e muitas vezes escritos e publicados no exílio que alguns dos relatos mais fortes sobre o período chegaram, como é o caso do romance *Zero* (1974), de Ignácio Loyola Brandão, publicado originalmente na Itália, e o *Poema Sujo* (1976), de Ferreira Gullar, que primeiro circulou no Brasil por meio de uma gravação do poeta numa fita-

cassete, feita por Vinícius de Moraes em Buenos Aires, onde Gullar estava exilado. A opressão do regime pode ainda ser sentida no livro de estreia do poeta baiano Waly Salomão, *Me segura qu'eu vou dar um troço* (1972), e no livro de Fernando Gabeira, *O Que É Isso, Companheiro?* (1979), que se tornou bastante conhecido após a filmagem de Bruno Barreto, em 1997, transformando-se num dos relatos mais famosos sobre o período da ditadura militar.”

Buscando meios de se dissipar na sociedade do país, percebemos que o desejo de colaboração entre os artistas era evidente em prol de uma nova revolução, de cunho democrático. A unificação entre os diversos campos da arte ajudaram, pois a população campestre, com pouca informação e audiência dada apenas pelo rádio, partia para a cidade, com intentos melhores, ganhava o auxílio da televisão, no qual, até o cenário hodierno, é perceptível que os poemas e poesias ainda possuem pouquíssimos espaço.

“No entanto, a atitude dos brasileiros em relação à ditadura e a recusa do governo em abrir seus arquivos e discutir o período têm levado a um conhecimento parco da melhor literatura do período, como é o caso do romance caleidoscópico de Ivan Ângelo, *A Festa* (1963/1975). Publicado pela primeira vez em meio aos tumultuados anos de João Goulart na presidência, o livro nos mostra um panorama da conflituosa sociedade brasileira de então, que mais tarde se dividiria entre o apoio e a resistência ao regime militar, como também em *Quarup* (1967), de Antônio Callado, no qual se desenrolam os impasses políticos entre a regime de Vargas e o dos militares de 64. Outro escritor que lidou de forma contundente com o período foi Luiz Fernando Emediato, que tratou da Guerrilha do Araguaia no conto *Trevas no paraíso* e publicaria ainda, entre outros, o conto intitulado, de forma bastante arriscada para a época, *Como estrangular um general*.”

É possível se comparar esse conhecimento escasso e pouco apropriado sobre a literatura da época, aos documentos sigilos da Igreja durante períodos da Idade Média e anteriores. No Brasil, o sistema funcionava de forma bruta: aqueles que não estavam de acordo ao que a censura exigia, tinham seus escritos todos queimados. Portanto, podemos pensar que os autores que não tivessem suas obras guardadas sigilosamente, as perderiam.

As *figuras de linguagem* serviram de grande aporte para os literatos, por exemplo: metáfora, eufemismo, ambiguidade, paradoxo, metonímia etc. Afinal, escrever o que realmente se queria era praticamente impossível, sendo

passíveis àqueles audaciosos penas como: inibição das publicações, prisão, perseguição e mesmo exílio.

Destrinchado todo processo anterior em um plano geral, agora podemos estudar alguns autores e suas obras de forma especificada. A primeira delas é: Clarice Lispector. Vejamos a seguir:

5. CLARICE LISPECTOR: BIOGRAFIA

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Em 1924 a família mudou-se para o Recife, e Clarice passou a frequentar o grupo escolar João Barbalho. Aos oito anos, perdeu a mãe. Três anos depois, transferiu-se com seu pai e suas irmãs para o Rio de Janeiro.

Em 1939 Clarice Lispector ingressou na faculdade de direito, formando-se em 1943. Trabalhou como redatora para a Agência Nacional e como jornalista no jornal "A Noite". Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem viveria muitos anos fora do Brasil. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo, este último afilhado do escritor Érico Veríssimo.

Seu primeiro romance foi publicado em 1944, "Perto do Coração Selvagem". No ano seguinte a escritora ganhou o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Dois anos depois publicou "O Lustre".

Em maio de 1968, o livro *O mistério do coelho pensante* é agraciado com a "Ordem do Calunga", concedido pela Campanha Nacional da Criança. Entrevista personalidades para a revista "Manchete" na seção "Diálogos possíveis com Clarice Lispector". Participa da manifestação contra a ditadura militar, em junho, chamada "Passeata dos 100 mil". Morrem seus amigos e escritores Lúcio Cardoso e Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta). É nomeada assistente de administração do Estado. Profere palestras na Universidade Federal de Minas Gerais e na Livraria do Estudante, em Belo Horizonte. Publica *A mulher que matou os peixes*, outro livro infantil, ilustrado por Carlos

Scliar.

Nos anos 1970 Clarice Lispector ainda publicou "Água Viva", "A Imitação da Rosa", "Via Crucis do Corpo" e "Onde Estivestes de Noite?". Reconhecida pelo público e pela crítica, em 1976 recebeu o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, pelo conjunto de sua obra.

No ano seguinte publicou "A Hora da Estrela", seu último romance, que foi adaptado para o cinema, em 1985. Clarice Lispector morreu de câncer, na véspera de seu aniversário de 57 anos.

5.1 CLARICE LISPECTOR E “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”

Mesmo na obra de autores não vinculados a tendências ficcionais surgidas a partir dos anos sessenta, como as da literatura jornalística e do chamado “realismo mágico” – as quais serviram à necessidade de falar sobre os fatos sociais e políticos, respectivamente pelo viés de um realismo documentado ou pelo da alegoria formal –, é possível detectar textos que, inventando narrativas a partir da atualidade, no olho do furacão social brasileiro, tangenciaram o tema da repressão, da perseguição política, da tortura e do cerceamento das liberdades individuais durante a ditadura militar.

Se tensionarmos esse arco circunstancial, veremos que, no traçado amplo da literatura produzida no contexto da ditadura brasileira, é possível ler no presente a persistência do passado, ainda que em textos até então insuspeitados de engajamento ideológico ou militante. No âmbito desse recorte, vou me deter em dois textos produzidos por Clarice Lispector em meados dos anos setenta.

Por essa mesma época em que escritores tais como os acima referenciados criavam a literatura que hoje pode ser lida como um conjunto de textos em que persiste a memória de um passado lutuoso para a nação, Clarice Lispector, no Brasil dos generais Médici e Geisel, traduzia contos de Edgar Allan Poe para a Editora Artenova, de seu amigo e editor Álvaro Pacheco. Biógrafos da escritora (Borelli, 1981; Gotlib, 1995; Ferreira, 1999) têm

lembrado o fato de que, no início dos anos setenta, Clarice, “sentindo a necessidade de manter sua estabilidade financeira” (Ferreira, 1999, p.265), após ser demitida do Jornal do Brasil, passa a trabalhar “por encomenda” e a publicar “os livros-sucata, compostos de textos anteriores” (Arêas, 2005, p.160). É desse período sua versão tradutora para alguns contos de Poe, que ela reuniu em uma coletânea intitulada *O gato preto e outras histórias de Edgar Allan Poe*, com “seleção, tradução e adaptação de Clarice Lispector” (Arêas, 2005, p.162), para a Editora Artenova. O livro encontra-se hoje no catálogo da Editora Ediouro, na coleção “Clássicos para o jovem leitor”, publicado sob o título de *Histórias extraordinárias de Allan Poe/ textos em português de Clarice Lispector*.

A partir da edição de 2003, a ficha catalográfica informa ainda que é uma “2. ed., reformulada” e que “contém os textos de 18 contos selecionados e reescritos por Clarice Lispector”. Trata-se, como vemos, de empreitada que se exercita para além da operação tradutora interlingüística, a qual, por si só, já acarreta interpretação do texto primeiro. Ou seja, Clarice se propõe a “reescrever”, a “adaptar” os contos de Poe. Ainda que consideremos que toda tradução – semiótica ou intersemiótica – implica interpretação, o fato de ser explicitada a informação de que ela “adaptou” os contos que ela mesma escolheu reforça o caráter de apropriação do texto original pelo leitor-tradutor.

E que “Coração denunciador” é esse, na reescrita de Clarice Lispector para o “Tell-tale heart” de Poe? Se atentarmos para a extensão dos dois textos, verificados o número de palavras que os compõem, veremos que Clarice reduz para quase a metade a estrutura significativa. Parágrafos inteiros são descartados ou sintetizados em poucas palavras, como, por exemplo, o quinto e os seguintes, nos quais Poe estrutura um dos pontos cruciais do conto: o estado de alucinação de que é tomado o velho, a espera no vazio do escuro que produz temor atávico à morte, e cuja origem não pode ser detectada.

Essas marcas textuais, que permitiriam uma leitura psicológica para a história, ainda que não totalmente descartadas, são minimizadas por Lispector. O exercício de paráfrases que reduzem a extensão textual, no entanto, não pode ser visto como redutor do sentido do hipotexto, ou mesmo como leitura

paródica do ato intertextual levado a termo por Clarice, como veremos. Por outro lado, constata-se que, nos parágrafos finais, nos quais são narrados os fatos relativos à chegada dos três policiais, a natureza coercitiva de sua ostensiva presença, bem como a confissão voluntária, são mantidos não só em sua quase integralidade, como recuperam, por meio de exercício tradutor não parafrásico, as circunstâncias em que ocorre o desfecho da história.

Ao decidir por cortes profundos em trechos determinados ou pela manutenção quase integral de outras passagens do texto de Poe, Clarice certamente está apontando para a natureza de sua leitura tradutora. Reescreve o conto, portanto, apresentando sua interpretação para os fatos. E os fatos apontam para a valorização do segmento em que se conforma o aparato policial como condicionante da autodenúncia que encerra o conto, em detrimento de outros aspectos causais, de natureza psicológica, apresentados no hipotexto.

Por via dessa conclusão, pode-se inferir o motivo pelo qual Clarice teria nominado o conto de “O coração denunciador”. Ao mesmo tempo em que o distanciaria do original, ou de outras traduções brasileiras ou não, usando “denunciador” no lugar de “delator”, e marcando assim sua qualidade de “texto adaptado”, estaria valorizando o outro sentido da palavra, mais ligado à idéia de autodelação como sendo o ato de “dar-se a conhecer em situação-limite”, ou, ainda, “revelar-se sob circunstância especial”.

Nesse jogo de sentidos com as palavras, vai o significado que Clarice quer exprimir: a escolha iluminaria a intenção de destacar o outro motivo que levou o anônimo personagem a confessar o crime, ou seja, a presença ostensiva dos policiais. Quando constatamos isso, não há como não pensarmos de que tempo e de que lugar Clarice falava: o Brasil da “ditadura escancarada” e suas práticas sociais coercitivas.

6. FERREIRA GULLAR

Ferreira Gullar é um dos poetas mais relevantes da literatura brasileira. A sua obra ficou marcada principalmente pelas questões políticas e sociais. O posicionamento político, inclusive, fez com que Gullar fosse exilado durante o regime militar brasileiro. Antes disso, revolucionou a poesia com o neoconcretismo, teve a ajuda de Hélio Oiticica e Lígia Clark para isso.

Um dos escritos mais importantes do autor, “Poema sujo” foi criado durante o exílio na Argentina. O poema foi gravado e trazido clandestinamente para o Brasil. O também poeta Vinícius de Moraes realizou reuniões privadas para apresentar a obra aos que resistiam ao regime ditatorial.

6.1 BIOGRAFIA

José Ribamar Ferreira, filho de Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart, tinha outros dez irmãos. Nascido em São Luís, Maranhão, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1951. Para assinar seus textos, o poeta escolheu o nome Ferreira Gullar, Ferreira é o sobrenome do pai e Gullar da mãe, só mudou a grafia, que é Goulart.

6.2 TRAJETÓRIA

Na cidade maravilhosa, trabalhou na “Revista do Instituto de Aposentadoria e Pensão do Comércio” e como revisor na famosa “O Cruzeiro”. Foi também funcionário da revista “Manchete”, do “Diário Carioca” e do “Jornal do Brasil”. Antes, ainda em 1948, trabalhou na “Rádio Timbira” e no “Diário de São Luís”.

Casa-se com Thereza Aragão em 1954. Os filhos do casal são: Paulo, Luciana e Marcos. Em 1956, é um dos convidados da Exposição Nacional de Arte Concreta. Em 1959, publica o “Manifesto Neoconcreto”, que recebe apoio de Amílcar de Castro, Lygia Clark, Franz Weissman, entre outros. O manifesto introduz o neoconcretismo, movimento que marca a valorização da subjetividade. No ano seguinte, o autor se envolve com uma poesia mais engajada, deixando o movimento de lado.

Em um concurso do “Jornal de Letras”, que tinha Manuel Bandeira como um dos jurados, Gullar foi o vencedor com o poema “O Galo”. “Um pouco acima do chão” é o primeiro livro de poesia publicado pelo autor. Uma de suas obras mais importantes, ainda no começo da carreira, foi “A Luta Corporal”, que introduz o concretismo no país.

Outra obra importante foi o “Poema sujo”, distribuído clandestinamente no período de ditadura. O poeta estava exilado na Argentina quando escreveu e Vinícius de Moraes foi quem decidiu que o poema precisava chegar ao Brasil. Gravado, “Poema Sujo” foi apresentado em reuniões e recitais.

Em 1961, o então presidente Jânio Quadros nomeia Gullar diretor da Fundação Cultural de Brasília. No ano do golpe militar, 1964, o autor se filia ao Partido Comunista Brasileiro. Foi preso em 1968 com o estabelecimento do Ato Institucional nº 5. Teve como companhia Caetano Veloso e Gilberto Gil. Em 1971, decide se exilar. Mora na Rússia, no Chile, no Peru e na Argentina. Mesmo exilado, é um dos colaboradores do importante “O Pasquim”, mas assina como Frederico Marques.

De volta ao Rio em 1977, Gullar é preso novamente pelo substituto do DOPS, o Departamento de Polícia Política e Social. Fica três dias sendo interrogado e ameaçado.

Ferreira Gullar chega a colaborar com novelas da Rede Globo, por convite do também escritor Dias Gomes. O autor, que teve filhos esquizofrênicos, publicou em 1996 a biografia de Nise da Silveira, uma médica psiquiátrica que era contra o tratamento agressivo oferecido ao doente mental, em especial o eletrochoque e a lobotomia.

O poeta ganhou o Prêmio Camões em 2010, o Prêmio Jabuti em 2007 com o livro “Resmungos”, levou o prêmio novamente em 2011 com “Em alguma parte alguma” e a primeira vez foi com o livro “Muitas Vozes”, de 1999.

6.3 MOVIMENTO LITERARIO

O poeta foi primeiro enquadrado no concretismo, depois foi um dos responsáveis pela introdução do neoconcretismo na literatura brasileira, junto com Hélio Oiticica e Lúcia Clark. Publicou o “Manifesto Neoconcreto” no “Jornal do Brasil” em 1959. Pouco depois, Gullar passa a fazer uma poesia mais voltada para a política.

6.4 ESTILO

Através de seus poemas, expressa a necessidade de lutar contra a opressão social. A poesia engajada é uma marca da obra de Ferreira Gullar. O autor acredita que a produção artística deve levar em consideração o que está acontecendo com o mundo. Gullar apresenta uma linguagem inovadora, mas com palavras simples, e consegue relacionar a linguagem verbal e a visual. Apresenta ainda metalinguagem, já que fala do fazer poético.

Após a visão literária dada anteriormente, vamos ao aspecto musical, que certamente teve parte fundamental para a rebelião popular em meados dos anos 80 indo de encontro com o Sistema.

7. CANÇÕES, CANTORES E COMPOSITORES QUE MARCARAM O REGIME

Um dos mais consagrados e maiores nomes da Música Popular Brasileira (MPB), Chico Buarque do Holanda, não poderia deixar de ser mencionado. Assim, segue abaixo a biografia com a trajetória e feitos dele durante sua carreira, vale se notar principalmente para suas contribuições e feitos durante o Regime Militar.

7.1 CHICO BUARQUE DE HOLANDA: BIOGRAFIA

Chico Buarque de Holanda nasceu em 19 de junho de 1944 na cidade do Rio de Janeiro, é filho de Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982), um importante historiador e jornalista brasileiro e de Maria Amélia Cesário Alvim (1910–2010), pintora e pianista.

Em 1946, mudou-se para a capital São Paulo, onde o pai assumiu a direção do Museu do Ipiranga. Chico sempre revelou interesses pela música, tal interesse foi bastante reforçado pela convivência com intelectuais como Vinicius de Moraes e Paulo Vanzolini.

Em 1953, Sérgio Buarque de Holanda, pai do cantor, foi convidado para lecionar na Universidade de Roma. A família Buarque de Hollanda, então, muda-se para a Itália. Chico aprende dois idiomas estrangeiros, na escola fala inglês, e nas ruas, italiano. Nessa época, compõe as suas primeiras marchinhas de Carnaval.

Chico regressa ao Brasil em 1960. No ano seguinte, produz suas primeiras crônicas no jornal *Verbâmidas*, do Colégio Santa Cruz de São Paulo, nome criado por ele.^[12] Sua primeira aparição na imprensa, porém, não foi em relação ao seu trabalho, mas sim policial. Publicada, no jornal Última Hora, de São Paulo, a notícia de que Chico e um amigo furtaram um carro nas proximidades do estádio do Pacaembu para passear pela madrugada paulista foi anunciada com a manchete "Pivetes furtaram um carro: presos".

Em 1998, o artista foi homenageado no Desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, pela GRES Estação Primeira de Mangueira, no enredo "Chico Buarque da Mangueira". A escola verde e rosa dividiu o título de campeã daquele carnaval com a Beija-Flor de Nilópolis.

7.2 INÍCIO DE CARREIRA

Chico Buarque chegou a ingressar no curso de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo em 1963. Coursou dois anos e parou em 1965, quando começou a se dedicar à carreira artística. Neste ano, lançou *Sonho de Carnaval*, inscrita no *I Festival Nacional de Música Popular Brasileira*, transmitida pela *TV Excelsior*, além de Pedro Pedreiro, música fundamental para experimentação do modo como viria a trabalhar os versos, com rigoroso trabalho estilístico morfológico e politização, mais significativamente na década de 1970.¹ A primeira composição do Chico foi aos 15 anos de idade, *Canção dos Olhos* (1959). A primeira gravação foi também uma marchinha, "Marcha para um dia de sol", gravada por Maricene Costa, em 1964.

Conheceu Elis Regina, que havia vencido o *Festival de Música Popular Brasileira* (1965) com a canção *Arrastão*, mas a cantora acabou desistindo de gravá-lo devido à impaciência com a timidez do compositor. Chico Buarque revelou-se ao público brasileiro quando ganhou o mesmo *Festival*, no ano seguinte (1966), transmitido pela TV Record, com *A Banda*, interpretada por Nara Leão (empatou em primeiro lugar com *Disparada*, de Geraldo Vandré, interpretada por Jair Rodrigues). No entanto, Zuza Homem de Mello, no livro *A Era dos Festivais: Uma Parábola*, revelou que "A Banda" venceu o festival. O musicólogo preservou por décadas as folhas de votação do festival. Nelas, consta que a música "A Banda" ganhou a competição por 7 a 5. Chico, ao perceber que ganharia, foi até o presidente da comissão e disse não aceitar a derrota de *Disparada*. Caso isso acontecesse, iria na mesma hora entregar o prêmio ao concorrente.

No dia 10 de outubro de 1966, data da final, iniciou o processo que designaria Chico Buarque como unanimidade nacional, alcunha criada por Millôr Fernandes. Canções como *Ela e sua Janela*, de 1966, começam a demonstrar a face lírica do compositor. Com a observação da sociedade, como nas diversas vezes em que citação do vocábulo *janela* está presente em suas

primeiras canções: *Juca*, *Januária*, *Carolina*, *A Banda* e *Madalena foi pro Mar*. As influências de Noel Rosa podem ser notadas em *A Rita*, 1965, citado na letra, e Ismael Silva, como em marchas-ranchos.

7.3 CRÍTICA AO REGIME MILITAR DO BRASIL

Ameaçado pelo regime militar, esteve autoexilado na Itália em 1969, onde chegou a fazer espetáculos com Toquinho. Nessa época, teve suas canções *Apesar de você* (que dizem ser uma alusão negativa ao presidente Emílio Garrastazu Médici, mas que Chico sustenta ser em referência à situação) e "Cálice" proibidas pela censura brasileira. Adotou o pseudônimo de *Julinho da Adelaide*, com o qual compôs apenas três canções: *Milagre Brasileiro*, *Acorda amor* e *Jorge Maravilha*. Na Itália, Chico tornou-se amigo do cantor Lucio Dalla, de quem fez a *Minha História*, versão em português (1970) da canção *Gesù Bambino* (título verdadeiro *4 marzo 1943*), de Lucio Dalla e Paola Palotino.

Ao voltar ao Brasil, continuou com composições que denunciavam aspectos sociais, econômicos e culturais, como a célebre *Construção* ou a divertida *Partido Alto*. Apresentou-se com Caetano Veloso (que também foi exilado, mas na Inglaterra) e Maria Bethânia. Teve outra de suas músicas associada a críticas a um presidente do Brasil. Julinho da Adelaide, aliás, não era só um pseudônimo, mas sim a forma que o compositor encontrou para driblar a censura, então implacável ao perceber seu nome nos créditos de uma música. Para completar a farsa e dar-lhe ares de veracidade, Julinho da Adelaide chegou a ter cédula de identidade e até mesmo a conceder entrevista a um jornal da época.

Uma das canções de Chico Buarque que critica o regime é uma carta em forma de música, uma carta musicada que ele fez em homenagem ao Augusto Boal, que vivia no exílio, quando o Brasil ainda vivia sob a regime militar. A canção se chama *Meu Caro Amigo* e foi dirigida a Boal, que na época estava exilado em Lisboa. A canção foi lançada originalmente num disco de título quase igual, chamado *Meus Caros Amigos*, do ano de 1976.

Assim, seguem abaixo algumas interpretações do próprio Chico Buarque e de demais cantores que influenciaram a musicalidade brasileira no período aqui referido:

8. INTERPRETANDO ALGUMAS CANÇÕES

- A música Cálice, lançada por Chico Buarque em 1973, faz alusão a oração de Jesus Cristo dirigida a Deus no Jardim do Getsêmane: “Pai, afasta de mim este cálice”. Para quem lutava pela democracia, o silêncio também era uma forma de morte. Para os ditadores, a morte era uma forma de silêncio. Daí nasceu a ideia de Chico Buarque: explorar a sonoridade e o duplo sentido das palavras “cálice” e “cale-se” para criticar o regime instaurado.

Trecho: *De muito gorda a porca já não anda (Cálice!) / De muito usada a faca já não corta / Como é difícil, Pai, abrir a porta (Cálice!) / Essa palavra presa na garganta*

- Caminhando é uma música de Geraldo Vandré, lançada em 1968. Vandré foi um dos primeiros artistas a ser perseguido e censurado pelo governo militar. A música foi a sensação do Festival de Música Brasileira da TV Record, se transformando em um hino para os cidadãos que lutavam pela abertura política. Através dela, Vandré chamava o público à revolta contra o regime ditatorial e ainda fazia fortes provocações ao exército.

Trecho: *Há soldados armados / Amados ou não / Quase todos perdidos / De armas na mão / Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição: De morrer pela pátria / E viver sem razão*

- A música Alegria, Alegria foi lançada em 1967, por Caetano Veloso. Valorizava a ironia, a rebeldia e o anarquismo a partir de fragmentos do dia-a-dia. Em cada verso, revelações da opressão ao cidadão em todas as esferas sociais. A letra critica o abuso do poder e da violência, as más condições do contexto educacional e cultural estabelecido pelos militares, aos quais interessava formar brasileiros alienados.

Trecho: *O sol se reparte em crimes/Espaçonaves, guerrilhas/Em cardinales bonitas/Eu vou...*

- O bêbado e o equilibrista, foi composto por Aldir Blanc e João Bosco e gravado por Elis Regina, em 1979. Representava o pedido da população pela anistia ampla, geral e irrestrita, um movimento consolidado no final da década de 70. A letra fala sobre o choro de Marias e Clarisses, em alusão às esposas do operário Manuel Fiel Filho e do jornalista Vladimir Herzog, assassinados sob tortura pelo exército.

Trecho: *Que sonha com a volta / Do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete / Chora! A nossa Pátria Mãe gentil / Choram Marias e Clarisses / No solo do Brasil...*

- Mosca na sopa é uma música de Raul Seixas, lançada em 1973. Apesar das controvérsias acerca do sentido da música, a letra faz uma referência clara à ditadura militar. Através de uma metáfora, o povo é a “mosca” e, a ditadura militar, “a sopa”. Desta forma, o povo é apresentado como aquele que incomoda, que não pode ser eliminado, pois sempre vão existir aqueles que se levantam contra regimes opressores.

Trecho: *E não adianta / Vir me dedetizar / Pois nem o DDT / Pode assim me exterminar / Porque você mata uma / E vem outra em meu lugar...*

- É proibido proibir é uma música de Caetano Veloso, lançada em 1968. Esta canção era uma manifestação das grandes mudanças culturais que estavam ocorrendo no mundo na década de 1960. Na apresentação realizada no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, a música de

Caetano foi recebida com furiosa vaia pelo público que lotava o auditório. Indignado, Caetano fez um longo e inflamado discurso que quase não se podia ouvir, tamanho era o barulho dentro do teatro.

Trecho: *Me dê um beijo meu amor / Eles estão nos esperando / Os automóveis ardem em chamas / Derrubar as prateleiras / As estantes, as estátuas / As vidraças, louças / Livros, sim...*

- Depois de Geraldo Vandré, Chico Buarque se tornou o artista mais odiado pelo governo militar, tendo dezenas de músicas censuradas. *Apesar de você* foi lançada em 1970, durante o governo do general Médici. A letra faz uma clara referência a este ditador. Para driblar a censura, ele afirmou que a música contava a história de uma briga de casal, cuja esposa era muito autoritária. A desculpa funcionou e o disco foi gravado, mas os oficiais do exército logo perceberam a real intenção e a canção foi proibida de tocar nas rádios.

Trecho: *Quando chegar o momento / Esse meu sofrimento / Vou cobrar com juro. Juro! / Todo esse amor reprimido / Esse grito contido / Esse samba no escuro*

- A música *Acender as velas*, lançada em 1965, é considerada uma das maiores composições do sambista Zé Keti. Esta música inclui-se entre as músicas de protesto da fase posterior a 1964. A letra deste samba possui um impacto forte, criado pelo relato dramático do dia-a-dia da favela. Faz uma crítica social as péssimas condições de vida nos morros do Rio de Janeiro, na década de 1960.

Trecho: *Acender as velas / Já é profissão / Quando não tem samba / Tem desilusão / É mais um coração / Que deixa de bater / Um anjo vai pro céu*

- *Que as crianças cantem livres* é uma composição de Taiguara, lançada em 1973. No mesmo ano, o cantor se exilou em Londres, tendo sido um dos artistas mais perseguidos durante a ditadura militar. Taiguara teve 68 canções censuradas, durante o período de maior endurecimento do regime, no fim da década de 1960 até meados da década de 1970.

Trecho: *E que as crianças cantem livres sobre os muros / E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor / E que o passado abra os presentes pro futuro / Que não dormiu e preparou o amanhecer...*

- Jorge Maravilha, lançada em 1974, é mais uma música de Chico Buarque, agora sob o pseudônimo de Julinho de Adelaide, criado para driblar a censura. Os versos “você não gosta de mim, mas sua filha gosta” parecia uma relação conflituosa entre sogro, genro e filha. Mas, na verdade, fazia alusão à família do general Geisel. Geisel odiava Chico Buarque. No entanto, a filha do militar manifestava interesse pelo trabalho do compositor.

Trecho: *E como já dizia Jorge Maravilha / Prenhe de razão / Mais vale uma filha na mão / Do que dois pais voando / Você não gosta de mim, mas sua filha gosta*

- Por último mais não menos importante, “Vamos Fugir” de Gilberto Gil e Liminha, uma música que marcou a vida do grande artista e que ao mesmo tempo, marca o fim da ditadura aqui no Brasil, Gil estava na Jamaica onde a canção em questão foi exultada em primeira mão pela banda de nada mais nada menos do que o grande Bob Marley, e dentre os grandes intérpretes que já a apresentaram, também contamos com o incrível Jimmy Cliff.

Vamos fugir! Deste lugar Baby! Vamos fugir Tô cansado de esperar Que você
me carregue

Vamos fugir! Pr'outro lugar Baby! Vamos fugir Pr'onde quer que você vá Que
você me carregue

Pois diga que irá Irajá, Irajá Pra onde eu só veja você Você veja a mim só
Marajó, Marajó

Qualquer outro lugar comum Outro lugar qualquer

Guaporé, Guaporé Qualquer outro lugar ao sol Outro lugar ao sul Céu azul, céu
azul

Onde haja só meu corpo nu Junto ao seu corpo nu

Vamos fugir! Pr'outro lugar Baby! Vamos fugir Pr'onde haja um tobogã Onde a gente escorregue

Vamos fugir! Deste lugar Baby! Ah! Vamos fugir Tô cansado de esperar Que você me carregue

Pois diga que irá Irajá, Irajá Pra onde eu só veja você Você veja a mim só Marajó, Marajó

Qualquer outro lugar comum Outro lugar qualquer

Guaporé, Guaporé Qualquer outro lugar ao sol Outro lugar ao sul Céu azul, céu azul

Onde haja só meu corpo nu Junto ao seu corpo nu

Vamos fugir (Gimme your love) Pr'outro lugar Baby! (Gimme your love) Vamos fugir

Pr'onde haja um tobogã Onde a gente escorregue Todo dia de manhã Flôres que a gente regue

Uma banda de maçã Outra banda de reggae

Tô cansado de esperar Que você me carregue Pr'onde quer que você vá Que você me carregue

Pr'onde haja um tobogã Onde a gente escorregue Todo dia de manhã Flores que a gente regue

Uma banda de maçã Outra banda de reggae Tô cansado de esperar Que você me carregue

"Para que o mal triunfe, basta que os bons não façam nada". Edmund Burke

9. CONCLUSÃO

A partir dos itens e dados apresentados são indiscutíveis os benefícios da disseminação das manifestações culturais durante períodos repressores e invasivos. É mister que a Literatura e a Música, não desprezando nenhum outro tipo de Arte, possam percorrer os espaços nos quais elas devem estar: ruas, casas, de acordo a contemporaneidade, nos demais meios de comunicações, e principalmente às ideologias dos seres humanos. No Brasil os escritores tiveram papéis fundamentais para a delação real do Regime Militar e contribuíram de forma notável e pontual para o retorno da Democracia.

10. REFERÊNCIAS

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. A história social do Modernismo. **Literatura Brasileira em diálogo com outras Literatura e outras Linguagens**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 542-587.

PAGNAN, Celso Leopoldo. Literatura Contemporânea. **Manual Compacto de Literatura Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2010. p. 345-355.

PAGNAN, Celso Leopoldo. Modernismo Geração de 45. **Manual Compacto de Literatura Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2010. p. 323-335.

A censura às músicas de Chico Buarque na ditadura (1964-1985). Diretório Acadêmico Música e Censura (em negrito). Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-censura-as-musicas-de-chico-buarque-na-ditadura-1964-1985/>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

A LITERATURA BRASILEIRA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS, 2014. **Notícias / Cultura**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/a-literatura-brasileira-sob-regimes-autorit%C3%A1rios/a-17534304>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

Biografias: Clarice Lispector. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/clarice-lispector.htm>. Acesso em: 20 de novembro de 2015.

Chico Buarque – Cálice (Ditadura Militar no Brasil), 2012. **Documentário**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ngmEqwrweiY>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

Contextos Históricos e Produção Literária: A INTERMITÊNCIA DA MEMÓRIA: TRANSCONTEXTUALIZAÇÃO EM “O CORPO”, DE CLARICE LISPECTOR. **Literatura e Autoritarismo**. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num12/art_03.php. . Acesso em: 20 de novembro de 2015.

Militância e cultura durante a ditadura militar brasileira, 2007. **Entrevista especial com Miliandre Garcia**. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/9046-militancia-e-cultura-durante-a-ditadura-militar-brasileira-entrevista-especial-com-miliandre-garcia_. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

Músicas que marcaram os anos da Ditadura Militar. **Documentário**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Paxyeqkbl8>. – Acesso em: 21 de novembro de 2015

Semana de Arte Moderna, 2013. **Info Escola }} Artes**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

Um instante, Ferreira Gullar, 1996. **Releitura: resumo biográfico e bibliográfico**. Disponível em: http://www.releituras.com/fgullar_bio.asp. Acesso em: 21 de novembro de 2015.